



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Patrimônio Imaterial no Brasil: trajetórias, participação social e políticas de reconhecimento.

v 9 | n 17 | jul-dez 2020

A banda toca a esperança da sua gente

Artur Hugo da Rosa



Edição eletrônica

URL: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (ufsc.br))

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

ROSA, Artur Hugo da. A banda toca a esperança da sua gente. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 194-206, jul-dez 2020. Semestral.

© NAUI

A banda toca a esperança da sua gente

Artur Hugo da Rosa ¹

Resumo

Este artigo pretende sintetizar o processo de pesquisa, inventariação e registro do bem cultural Sociedade Musical e Recreativa Lapa a patrimônio cultural imaterial do município de Florianópolis, com o recebimento do título “Bandas Centenárias”. Descrever o processo é uma forma de salvaguardar o bem. Neste sentido, o texto aqui contém partes que integraram o dossiê e minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Os objetivos são democratizar, dar maior acesso ao conhecimento acerca deste bem cultural e servir de incentivo às comunidades participarem dos processos de patrimonialização de seus bens.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial. Práticas sociais. Inventário.

Abstract

This article intends to synthesize the process of research, inventory and registration of the cultural asset Sociedade Musical e Recreativa Lapa to intangible cultural heritage of the city of Florianópolis, with the receipt of the title "Centennial Bands". Describing the process is a way of safeguarding the cultural asset. In this sense, the text here contains excerpts that were part of the dossier and my research for graduation completion in Architecture and Urbanism at the Federal University of Santa Catarina. The objective is to democratize and give greater access to knowledge about this cultural asset and that can serve as an incentive for communities to participate in the processes of patrimonialization of their assets.

Key-words: Intangible heritage. Social Practices. Inventory.

¹ Proponente do registro a Patrimônio Cultural Imaterial da Sociedade Musical e Recreativa Lapa em Florianópolis. Arquiteto e urbanista, músico na Banda da Lapa. Mestrando em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: arturhugodarosa@gmail.com.

Afinando a conversa

Relatar uma experiência sobre patrimônio imaterial é uma forma de salvaguardar e difundir o bem cultural. O bem aqui tratado se chama Sociedade Musical e Recreativa Lapa, uma banda de 124 anos localizada na Freguesia do Ribeirão da Ilha, em Florianópolis. Em maio de 2019, protocolei um pedido de registro a patrimônio cultural imaterial na esfera municipal, atrelando as três Bandas Centenárias da ilha (Banda da Lapa, Banda Amor à Arte e Banda Comercial). O processo decorreu da minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Federal de Santa Catarina, no qual, além de inventariar o bem, propus um projeto para a sede da Banda da Lapa e entorno, sob orientação dos professores Luiz Eduardo Fontoura Teixeira e Dalmo Vieira Filho.

Pesquisar e reunir todo o material, além de ser um trabalho no qual se envolveram muitos textos, documentários, fotos, relatos e desenhos, se mostrou um processo extremamente prazeroso, de aproximação com as raízes da Banda da Lapa e suas ligações com a comunidade. Sou músico desta banda e isso facilitou a reunião das informações, que escutei ao longo de minha trajetória de nove anos de instituição, e também a reunião de outros integrantes, dos quais o apoio foi fundamental, inclusive contando com a presença de outra banda, a Sociedade Musical Amor à Arte, com a preciosa ajuda do presidente Nélio Schmidt. Um dos pontos interessantes é que o pedido de reconhecimento a patrimônio imaterial nasce do interior do bem, com a reunião de todo o material produzido por outros músicos da banda.

O artigo se divide em três partes. A primeira busca tratar de forma conceitual a relação entre o bem e seu território, com base em De Certeau e Augé. Na segunda parte, procuro explicar um pouco sobre cada face da Banda da Lapa diante da comunidade do Ribeirão da Ilha, mostrando suas atividades relacionadas à igreja, ao carnaval, ao ensino e à cultura. Neste trecho, trago entrevistas com Seu Alécio Heidenreich, o músico mais antigo e último construtor de baleeiras da ilha, o compositor Reginaldo Barcelos e também um depoimento da pesquisadora e compositora Marta Magda Antunes Machado. Num terceiro momento, relato a experiência de como a pesquisa enveredou para o pedido de registro desta instituição centenária.

Como mencionado logo no início, falar sobre este processo é uma forma de salvaguardar o bem. Neste sentido, o texto aqui contém partes que integraram o dossiê, que este artigo busca tornar público e difundir ainda mais este processo de inventariação, já que o objetivo final é democratizar e levar o conhecimento a todos.

Figura 1 – Músicos da Banda da Lapa, familiares e amigos.



Fonte: arquivo pessoal de Alécio Heidenreich, por volta de 1928. Digitalizado por Daniel Choma².

Quando a banda passa

De Certeau (1994) nos fala que “o espaço é um lugar praticado”. Estas práticas são, na sua essência, práticas sociais e naturais. O espaço é, portanto, um cruzamento de móveis: pessoas e culturas transitam. O movimento condiciona a produção do espaço e associa-o a uma história. Dentro desses movimentos, aparecem sujeitos históricos. A Banda da Lapa se torna um destes sujeitos históricos dentro do Ribeirão da Ilha, atuando como uma praticante e transformando espaços em lugares significativos de pertencimento, memória e identidade ao passar tocando pelos espaços públicos.

Trago outro conceito também: o lugar antropológico. O lugar antropológico é justamente essa construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas ao qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar. É simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e

² Imagens digitalizadas estão no site: <http://camaraclara.org.br/memoriamusical/>, projeto produzido e realizado por Daniel Choma e Tati Costa, via Fundo Nacional de Cultura.

princípio de inteligibilidade para quem observa, pois “toda aglomeração aspira ser o centro de um espaço significativo” (AUGÉ, 2012, p. 64).

Augé (2012) ainda define que o lugar é necessariamente histórico e, portanto, o habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história. São lugares de vida, aqueles produzidos por uma história mais antiga e lenta. A Freguesia do Ribeirão da Ilha, com todo seu contexto cultural, natural e social, com seus sujeitos, entre eles a Banda da Lapa, vive na história, onde o lugar de sua origem é a identidade de quem a fundou. Quando o espaço é praticado, ele passa a ter inúmeras interfaces. Um mesmo lugar que recebe, em diferentes contextos, atividades de uma mesma banda, é ressignificado conforme a música e o período do ano. A centenária Banda da Lapa não se resume a uma instituição. Ela é um corpo vivo dentro de Florianópolis. Seu caminho musical atravessa o tempo de nossos avós (ROSA, 2019).

A Banda da Lapa e suas atividades

Como sujeito histórico da Freguesia do Ribeirão da Ilha, a Banda possui diversas faces perante seu território e atua em diferentes meios, com diferentes propósitos. O sagrado e o profano são terrenos transitáveis que a Banda atravessa de forma harmoniosa. Há também a relação com o campo musical de Florianópolis e suas contribuições para a comunidade, como a escola de música.

Através de todo seu repertório variado, entre choros e dobrados, marchinhas de carnaval e sambas, a banda que já teve o nome “Banda Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha”, revelando uma forte ligação com a padroeira do Ribeirão da Ilha, foi fundada no mesmo dia de Nossa Senhora da Lapa. As procissões e festas religiosas são muito tradicionais e englobam acontecimentos populares. É local de reunião, lazer, namoro, conversas e fofocas. Mas, antes de tudo, é um trajeto de meditação. Ao caminhar pelas ruas da freguesia, ocupando o espaço público, o povo é conduzido pela música da Banda, por foguetes e orações. É uma caminhada de encontros: tanto com os vizinhos, amigos, turistas e, acima de tudo, consigo mesmo. (ROSA, 2019).

A Banda da Lapa está presente nas mais diversas festas religiosas, incluindo a Festa do Divino de vários bairros, entre eles: Ribeirão da Ilha, Rio Tavares, Campeche, Pântano do Sul, Barreiros, Monte Verde, Lagoa da Conceição e Rio Vermelho. Além das procissões do Nosso

Senhor dos Passos, Nossa Senhora de Navegantes e do Senhor Morto, ao final da encenação da Paixão de Cristo, na Freguesia do Ribeirão da Ilha.

No Ribeirão da Ilha, a Banda da Lapa tem uma presença muito forte na Festa do Divino, sendo uma das festas religiosas mais importantes desta comunidade, preservando a herança açoriana. A festa acontece após a quaresma e é anualmente repetida desde a chegada dos imigrantes açorianos na Ilha. A Banda integra o cortejo, produzindo a música da procissão, e depois alegra os devotos no final dessa grande festa, atividade que chamamos de retreta. A continuidade dessa tradição ainda acontece como descrito 30 anos atrás. A presença marcante dela produz e alimenta as emoções e o sentido da Festa do Divino Espírito Santo, conduzindo o casal imperador pela praça em frente à Igreja, com os foguetes estourando, as bandeirinhas balançando e o povo acompanhando o cortejo. Reginaldo Barcelos descreve o que sente:

Sempre a Banda fazendo a trilha sonora da comunidade. A banda fazendo a trilha sonora da procissão. Fazendo a trilha sonora do cortejo do casal imperador. Conduzindo o casal até a igreja. Depois, a apresentação cultural durante a festa. [...] A importância que a música tem para dar mais sentido às coisas. Porque se for analisar, seria tudo muito estático se não tivesse a Banda tocando. Pô, imagina o casal imperador caminhando, os foguetes explodindo, tal. E sei lá, o pessoal caminhando. Imagina a memória disso, sem o dobrado tocando. Sem o prato (efeito sonoro), sem o solo. Aquilo ali que dá a verdadeira emoção para o momento. (Reginaldo chora). É muito profundo, não dá pra dimensionar a coisa. Esse é o poder da música. [...] Nas procissões, muitas pessoas vão chorando e não sabem o porquê, mas se a banda não tocar, elas não choram. O dobrado tocando gera uma densidade tão grande de emoção que as pessoas derramam lágrimas sem pensar. É muito forte. (DA SILVA, 2018).

Figura 2 – Registro de apresentação na Festa do Divino no Ribeirão da Ilha.



Fonte: acervo da Banda da Lapa, 6 de junho de 1968. Digitalizado por Daniel Choma.

Chegando próximo ao carnaval, a Banda troca seu repertório principal por marchinhas e sambas, seu terno pela camisa, sua grande formação pela enxuta configuração, que se ajusta a um trio elétrico. No carnaval, a Banda da Lapa se transforma na Banda do Zé Pereira.

O Zé Pereira era uma festa tradicional de caráter introdutório ao carnaval. Tradicionalmente, o Zé Pereira existe em outros lugares do Brasil, como em Ouro Preto – MG, e também em Portugal, de onde é sua origem. A festa, resumidamente, é marcada por grupos que saem pelas ruas tocando instrumentos de percussão. Em Florianópolis, acontecia no bairro do Ribeirão da Ilha e era uma tradição centenária, desde o início do século XX. Antigamente, o costume era fazer fantasias de papel, esperar a Banda passar e depois realizar o que se chamava “joga n’água”, as pessoas entravam no mar e as fantasias se desmanchavam, ficando só a roupa de banho (ROSA, 2019). Há relatos do livro *Memórias e Harmonias da Banda da Lapa*, de Daniel Choma e Tati Costa, que ilustram essas passagens históricas:

“A banda vinha tocar e nós esperávamos ali na esquina, de lanterna forrada de papel celofane e com vara de bambu, então a gente se interessava, naquele tempo não tinha luz e a lanterna clareava tudo, a banda vinha até aqui, a gente saía de surpresa sem eles saber, tipo uma esquina dessas assim, numa turma e assim continuou muito tempo eu já estava até casada, mas a gente procurava sempre aquela turma pra fazer [...] A gente fez muitos anos isso, a banda ia tocando e nós ia na frente da banda”. Moradora do Ribeirão, 78 anos. (CHOMA; COSTA, 2011).

A Banda do Zé Pereira, formada por músicos da Sociedade Musical Recreativa Lapa, embalava e era a principal atração da festa, animando a folia por quatro horas de show, desde o arrastão – com os músicos no chão, em meio ao povo, tocando marchinhas – até o palco, onde se tocava axé, pop, sambas e músicas do momento. Na época, o Zé Pereira acontecia de um modo diferente do que era alguns anos atrás. A festa se dava em todos os finais de semana do mês anterior ao carnaval. De costume, a Banda ensaiava na rua, usando o espaço público, com as pessoas indo atrás da Banda, aproveitando a festa.

Figura 3 – Com surdo e apito, Agenor Firmino da Silva e músicos da Banda do Zé Pereira animam as ruas do Saco dos Limões.



Fonte: acervo da Banda da Lapa, década de 1960. Digitalizado por Daniel Choma.

Na ilha, a Banda da Lapa ocupa um lugar muito respeitado, sendo uma das três bandas centenárias ainda em atividade. Toda a influência e tradição da Banda servem de matéria-prima para os artistas do Ribeirão da Ilha, que é um bairro carregado de história e musicalidade. Entre os exemplos, temos a música “Rua de Cima”³ composta por Regi Barcelos e letra do poeta Kalunga Heidenreich, filho de Seu Alécio. É um frevo, feito para o bloco da Rua de Cima, que saía no tradicional Zé Pereira. A Rua de Cima é geograficamente uma rua paralela à rua principal da Freguesia, a Baldicero Filomeno. Sua função é tornar a igreja e a praça mais acessíveis. Ela é resultado de um crescimento natural da configuração “espinha de peixe”, no qual é estabelecido o Ribeirão. Culturalmente, ela aparece na música por conta de seus moradores que são personagens icônicos, como a Noêmia, a Liquinha, Seu Osmarino e os Falcão, já que suas residências configuram as extremidades da Rua de Cima. O interessante é que os compositores colocam a Banda da Lapa no primeiro verso, demonstrando sua enorme influência no carnaval ribeironense e mantendo a tradição de muitos anos (DA SILVA, 2018).

³ Link para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=DvZACz0QVv0>.

Em outro exemplo, temos uma marcha-rancho exaltando a importância cultural da Banda da Lapa, composta por Marta Magda Antunes Machado. A música “Banda da Lapa: um sopro de esperança”⁴ concorreu no 15º concurso de músicas de carnaval, na categoria Marcha-Rancho e alcançou o segundo lugar. Nela, Marta faz um paralelo entre a Nossa Senhora da Lapa e a Banda da Lapa, na composição a Banda toca a esperança do povo em devoção a sua padroeira. Ela própria explica a origem de sua música:

“Esta composição nasceu de outra composição, ela é uma história do bem-querer entre uma pesquisadora que chega à comunidade da Freguesia do Ribeirão para ficar durante meses de trabalho, como a antropologia o exige. Desconhecida por todos, é recebida de coração aberto pela comunidade, e aí escreve com ela uma história de amor que já dura nove anos. Esta música é uma “carta” da pesquisadora para a comunidade e, particularmente, para a Banda Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha dirigida aos seus inúmeros integrantes, muitos dos quais já partiram e permanecem imortalizados por sua passagem na sociedade musical. De “Agenores” e de “Alécios”, as gerações passadas e as novas gerações tocam a esperança, de cuja força brota o amor à arte e à vida! Obrigado, Freguesia! Obrigado Banda da Lapa por este sopro de amor na nossa cidade...” (Marta Magda Antunes Machado, 2015).

Além de ser uma instituição musical, ela é também uma sociedade recreativa, exercendo outras funções para a comunidade. Oferece espaço para a sociabilidade, acesso à cultura e aprendizado de música. Em seus mais de 120 anos de história, ela conta com um quadro atual de 30 músicos voluntários, organizados em instrumentos como flauta, clarinete, saxofone, trompete, trombone, tuba e percussão. Hoje tem uma formação mais moderna em sonoridade, com teclado, guitarra elétrica, baixo elétrico e trompa. Mais recentemente, realizou a sonorização ao vivo do filme “O Circo”, de Charles Chaplin, em parceria com o Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC), evento inédito em mais de 120 anos de história. A instituição foi declarada de utilidade pública municipal pelo Decreto nº 3.767/92 de 21 de maio de 1992, e é considerada representante de suma importância na tradição cultural da Ilha de Santa Catarina (LAPA, 2018).

Em 2009, com o projeto Educação Musical Popular, a sociedade adquiriu o status de Ponto de Cultura. Tal iniciativa viabilizou melhorias na estrutura física da sede, auxiliou na capacitação dos músicos e proporcionou um Ponto de Cultura dinâmico que explorou a tradição ilhéu, com coral para terceira idade, grupo de danças açorianas, palestras e diversas oficinas na época.

⁴ Link para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=hZ7lyQ4MigI>.

A Banda ensina música desde a sua fundação, em 1896. Nesses 120 anos de história, promoveu a formação de novos músicos através dos próprios integrantes mais experientes, de geração em geração. São os sentimentos de reciprocidade e gratidão proporcionados pelas oficinas oferecidas gratuitamente que garantem a continuidade da Banda no tempo: parte dos atuais alunos serão futuros músicos e mantenedores da banda, ajudando na formação de quem, mais tarde, pode também ingressar na iniciativa. Atualmente, todo ano, a Escola de Formação Musical da Sociedade Musical e Recreativa Lapa abre inscrições para as oficinas gratuitas de formação musical a todas as pessoas interessadas em aprender. Os estudantes que concluem o curso inicial de alfabetização musical recebem emprestado um instrumento e passam a ter aulas práticas com os instrumentistas mais experientes da banda, num círculo virtuoso de renovação de seu quadro. Nos últimos dez anos, a banda capacitou mais de 150 alunos apenas em seus cursos de formação teórica, sendo que no presente momento atende a 18 aprendizes (LAPA, 2018). Como diz Seu Alécio:

“Sempre dizia para os rapazes: hoje vocês são aprendiz, amanhã vocês são maestro. Vai ter que ensinar para os outros tudo que aprenderam. E assim foi a minha função. Foi ensinar, ensinar, ensinar tudo que eu sabia. Quando eu não sabia, vinha aqui no exército pedir ao maestro, esqueci o nome dele, para ir lá no Ribeirão ensinar os aprendizes. Mas eu também aprendi”. (HEIDENREICH, 2018).

Figura 4 – Seu Alécio e Banda em procissão pela Freguesia do Ribeirão da Ilha.



Fonte: acervo pessoal de Alécio Heidenreich, década de 1970. Digitalizado por Daniel Choma.

A banda como patrimônio

O Ribeirão da Ilha e a Banda da Lapa são dois objetos inerentes. Sua longevidade, de mais de 120 anos, se deve ao papel educacional dos próprios músicos voluntários. Não só a Banda da Lapa, mas a Amor à Arte e a Comercial estão na memória coletiva da população de Florianópolis. Abaixo, coloco o texto de justificativa, integrante do dossiê do pedido, em coautoria com Nélio Schimidt.

Tentar justificar um trabalho tão grande, que permeia mais de 100 anos em nossa cidade é uma tarefa complicada, mas também é prazerosa e repleta de bons frutos. As Bandas Centenárias civis da Ilha desenvolvem, entre alguns trabalhos, dois que merecem ser evidenciados pela sua nobreza e função social: a participação nas festividades culturais e o ensino da música. A matéria-prima das bandas é a música. Não cabe aqui discutir o que é a música e sua importância – que são muitas e essenciais – mas cabe dizer sua função em algumas situações onde estas Bandas têm suas atividades pautadas. Acompanhamos as festividades tanto da igreja católica quanto as do carnaval. Estas procissões e arrastões fazem parte da história e da cultura de Florianópolis e cabe às Bandas centenárias produzir a trilha sonora, tanto de nossa devoção e fé quanto da alegria e folia dos carnavais de rua. O outro trabalho realizado é o ensino da música e seus reflexos. As Bandas realizam esse trabalho desde o início de sua fundação e é um dos grandes motivos da continuidade destas sociedades há mais de 120 anos. Não é cobrada nenhuma mensalidade pelas aulas e, ainda por cima, são emprestados os instrumentos para os estudos. Todas as Bandas Centenárias da ilha trabalham desta forma. Seu Nélio nos diz: “Quantas crianças que a gente tirou da rua e que aprenderam música e que foram para essas bandas militares fazer seu futuro.” Além da dimensão artística e expressiva da música, estas entidades ensinam uma profissão, onde praticamente dão tudo o que o músico precisa: aulas de teoria musical, técnica, práticas em conjunto, leitura de partituras e cifras, além de valores morais como respeito às diferenças, admiração ao patrimônio cultural que a ilha tem, organização e pontualidade. E ainda mais algo que é muito importante, inserem o músico no meio cultural da cidade. As Bandas possuem uma dimensão sociocultural riquíssima para nossa cidade, são encarregadas de funções nobres, fazendo com que sua música ambiente a fé e a alegria das pessoas que as acompanham e abraçam os sonhos daqueles que querem aprender música, dando uma profissão e um caminho a ser trilhado de forma gratuita e voluntária. (ROSA E SCHIMIDT, 2019, p. 10).

Talvez essa ideia de tentar um processo de registro de patrimônio cultural imaterial das Bandas Centenárias já tenha sido pensado por alguém ou já estivesse nos planos da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes⁵, mas vale descrever como o processo amadureceu e como outras pessoas ajudaram a desenvolvê-lo. Em meio aos estudos para o trabalho de conclusão de curso e um artigo realizado sobre a Banda da Lapa, fui impulsionado ainda mais pelas aulas de patrimônio do professor Dalmo Vieira Filho – que viria a ser meu orientador depois do Luiz Eduardo Fontoura, que inicialmente me orientou e ajudou a deixar o terreno teórico pronto. Me perguntei sobre a validade de registrar esta entidade de 124 anos de

⁵ É a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes que promove as políticas culturais e é responsável por resgatar a memória da ilha, promovendo, divulgando e preservando o patrimônio cultural de Florianópolis.

existência. Com as pesquisas em andamento, vi que o registro seria extremamente importante para a cultura florianopolitana, tanto para reconhecimento como para continuidade destas Bandas.

Fui à Casa da Memória inúmeras vezes, onde conversei com a Josete Vicentini, técnica da Casa da Memória, e em algumas oportunidades com a Roseli Pereira, na época, superintendente da fundação Franklin Cascaes. Ambas encorajaram a continuidade da pesquisa. Em certo momento, depois de ter todos os itens necessários para o início do processo, fui à Casa da Memória novamente e me disseram para tentar fazer isso com as outras bandas centenárias da ilha. Me prontifiquei e deram-me o telefone do Seu Nélio, presidente da Sociedade Musical Amor à Arte. Rapidamente expliquei o que precisávamos em um telefonema. Nos encontramos duas vezes e ele foi extremamente atencioso e ágil, conseguiu tudo o que precisávamos para dar início ao processo de registro de sua banda também.

Depois disso, iniciei um trabalho de organização dos materiais, que incluíam centenas de fotos, vídeos, livros, jornais e documentos burocráticos. Realizei este processo para a Banda da Lapa, com o apoio dos músicos e da diretoria, em especial do Wellington Correa, da Valéria Martins e do presidente da Banda da Lapa, José Carlos Correa. Para o dossiê referente à Amor à Arte, auxiliiei o presidente Nélio Schmidt, com os materiais, a organização e a montagem dos documentos necessários para o pedido.

O pedido foi realizado no dia 16 de maio de 2019, individualmente para cada banda. A previsão de análise foi dada até dezembro de 2019, no mais tardar, pois as verificações são feitas em ordem de chegada. Houve atrasos na análise, passou do prazo e entramos em 2020, enfrentando mais atrasos com a pandemia da Covid-19. No dia 9 de setembro de 2020, recebo notícias de que o processo está para finalizar e que, com muita felicidade, estaremos mais próximos do título de patrimônio cultural imaterial de Florianópolis, contemplando as três Bandas Centenárias da ilha.

Figura 5 – Seu Dedinha, grande percussionista, músico mais antigo em atividade.



Fonte: Gravações do documentário Memórias e Harmonias da Banda da Lapa, de Daniel Choma e Tati Costa, 2010.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9ª. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2012. 112 p.

BANDA DA LAPA: **UM SOPRO DE ESPERANÇA**. Intérpretes: Débora Machado. Música: Marta Magda Antunes Machado. Florianópolis: Renata Apgaua Britto, 2015. (11min.), son., color. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=V5hpaMiFm9k>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CHOMA, Daniel; COSTA, Tati. **Memórias e Harmonias da Banda da Lapa**. Florianópolis: Câmara Clara, 2011. <www.youtube.com/watch?v=-vVMabp26oY>. Acesso em: 11 set. 2020.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DA SILVA, Reginaldo Oswaldo. **Suas composições, o carnaval e a importância da Banda da Lapa para a comunidade**. Florianópolis, Ribeirão da Ilha. 30 nov. 2018.

HEIDENREICH, Alécio. **O Ribeirão da Ilha e suas Bandas**. Florianópolis, casa do entrevistado. 21 jun. 2018.

LAPA, Banda da. **Portfólio Sociedade Musical e Recreativa Lapa**. Florianópolis: Banda da Lapa, 2018. 6 slides, color.

ROSA, Artur Hugo da. **Pela Banda do Ribeirão**. 2019. 93 f. TCC (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ROSA, Artur Hugo da. **Dossiê Banda da Lapa**. Florianópolis: Independente, 2019. 49 p.

Imagens

COSTA, Tati; CHOMA, Daniel (org.). **Centro de Memória Musical da Lapa**. 2010. Produção Câmara Clara. Disponível em: <http://camaraclara.org.br/memoriamusical/>. Acesso em: 13 set. 2020.

Recebido em 13/09/2020 | Aceito em 30/10/2020.



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional